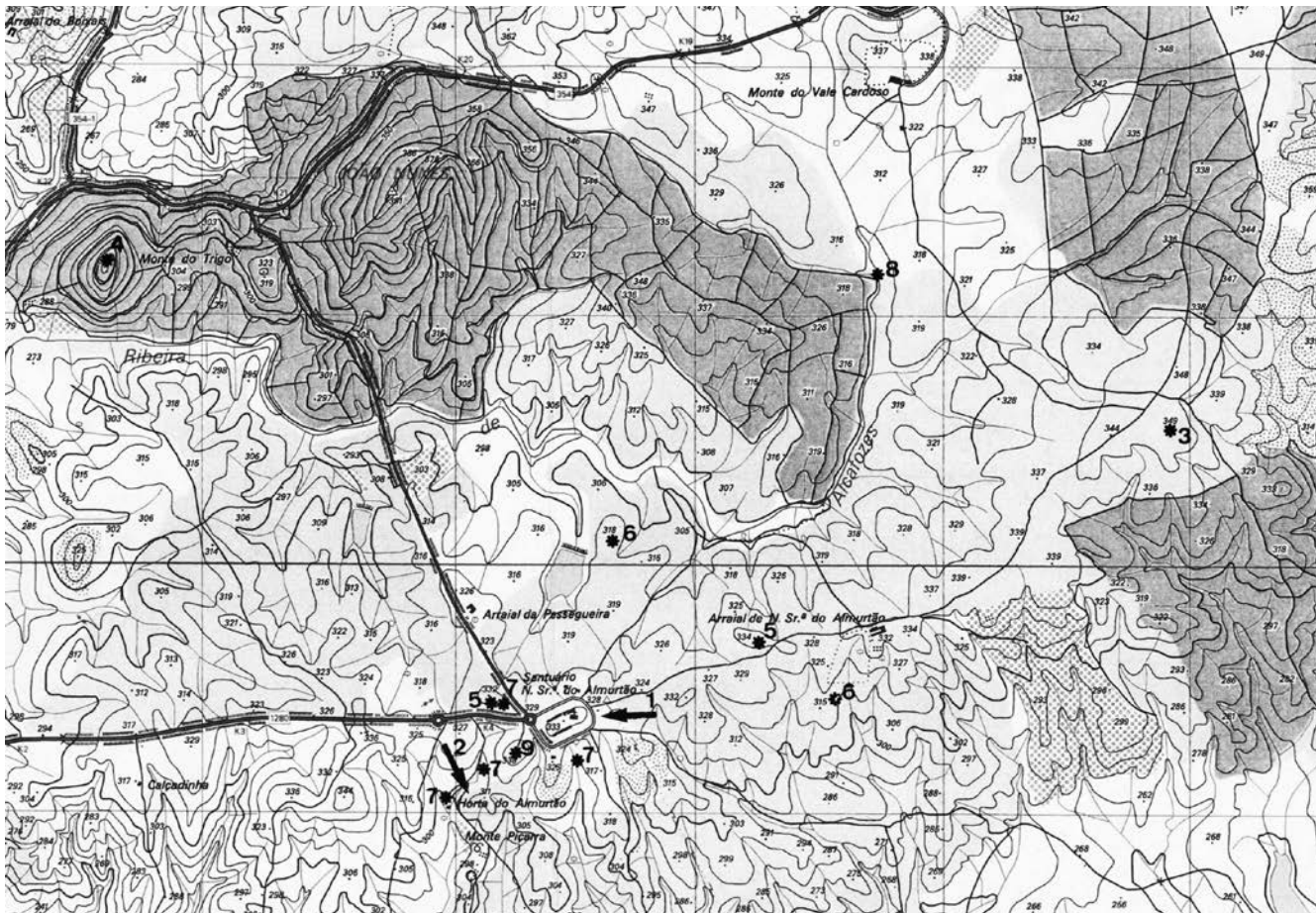


A Senhora do Almortão para lá da romaria.

Joaquim Baptista



[Fig.01]

- | | | |
|--|--|-------------------------------|
| 1 – Santuário da Senhora do Almurtão | | 6 – Estação romano / medieval |
| 2 – Horta do ermitão / Balneário | | 7 – Fonte |
| 3 – Anta dos Ferreirinhos | | 8 – Barragem de aterro romana |
| 4 – Povoado pré-histórico do Monte Trigo | | 9 – "Castelo" |
| 5 – Sepultura escavada na rocha | | |

[01] SILVA, 2005, p. 118.

INTRODUÇÃO

A Senhora do Almortão, santa protetora das gentes da raia, é hoje conhecida acima de tudo pela sua romaria que atrai milhares de romeiros todos os anos. Localiza-se perto de Idanha-a-Nova na União de Freguesias de Idanha-a-Nova e Alcafozes, quase a equidistância das duas localidades. É um local sagrado desde a pré-história. Ao ambiente bucólico, juntou-se o elemento mais imprescindível à vida. A água. Assim todo o local está semeado de fontes, poços e nascentes, fazendo do local um oásis na campina da Idanha, antes da construção da barragem Marechal Carmona e do regadio subsequente. Foi também um espaço funerário, desde o neolítico até pelo menos meados do século XVII.

Hoje em dia estes aspetos estão secundarizados pela festa e pela feira. Para a gente da atualidade é isso que importa. A religião e o sagrado é matéria secundária, em dias de romarias há cada vez mais uma percentagem importante de romeiros que nem à capela entra. O sagrado cada vez se vai mais diluindo em pseudo-práticas ditas tradicionais e que há alguns anos eram de todo desconhecidas. Esta manifestação religiosa também não fugiu à fatimização, a que vão sendo expostas a maioria das manifestações populares portuguesas.

A primeira notícia que nos fala na Senhora do Almortão é o foral de Idanha-a-Velha, dado por D. Sancho II, em Abril de 1229⁰¹ onde este espaço sagrado está no limite da velha Egitânia. Porém o local já tem assentamentos humanos desde o Neolítico, assumido para já num monumento megalítico, hoje já muito destruído, mas que deu a seu tempo quatro placas-ídolo de características peculiares.

O Calcolítico e a Idade do Bronze também estão presentes, com dois povoados, um deles, o do Monte Trigo, onde se realizaram escavações arqueológicas, que revelou uma rica cultura material desde cerâmicas campaniformes (as primeiras a serem documentadas no distrito de Castelo Branco) a artefactos cerâmicos e metálicos do Bronze Final.

A época romana está também bem documentada com pequenos assentamentos e com duas epígrafes, uma delas dedicada a Igaedus, divindade protetora dos egeditanos. Está por aparecer um grande assentamento nas imediações, provavelmente uma villae, que teima em se manter escondida, por falta de prospeções com método científico, e muito dificultadas pelas imensas aramadas que nos restringem poderosamente a circulação nos campos.



[Fig.02]
Cruzeiro com santuário
ao fundo.



[Fig.03]
Ermida.

[Fig.04]
Aspeto do santuário.



Neste contexto o único que se conserva razoavelmente é o santuário. Tudo o resto se vai degradando. As fontes estão quase irreconhecíveis, tanta erva as envolve, as zonas das “Termas” estão em completo abandono e degradação. Havendo uma Confraria que possui bastantes meios e sabendo da disponibilidade da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova para sempre a ajudar, é incompreensível que este património esteja no atual estado.

CATÁLOGO DOS MONUMENTOS E SÍTIOS.

CNS 2278⁰² / ANTA DOS FERREIRINHOS OU ANTA DE IDANHA-A-NOVA

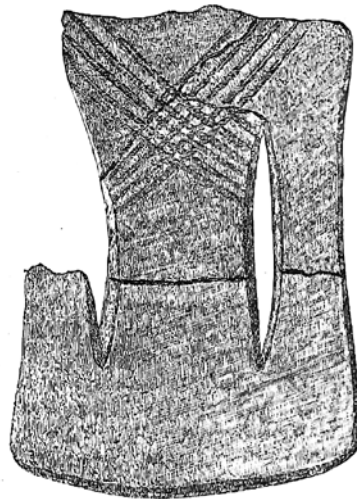
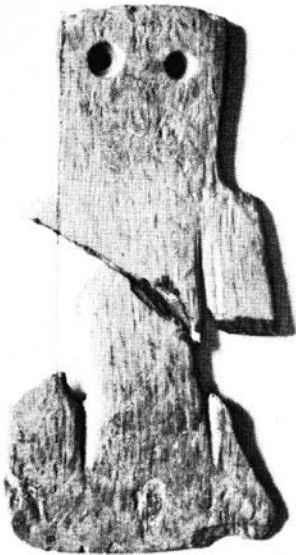
Monumento megalítico, também denominado por vezes anta de Idanha-a-Nova, segundo certas fontes destruído em 1956. Foi “escavado” por ordem de António Pereira da Nóbrega em finais do século XIX do qual resultou um curioso espólio que foi em parte oferecido ao Museu Ethnológico Português e pelo menos duas placas-ídolo foram parar à coleção Marrocos de Idanha-a-Velha. O material oferecido ao Museu era constituído por dois machados de pedra polida, um com sulco transversal, para além de duas placas-ídolo fora do comum⁰³. Atualmente ainda se conseguem vislumbrar restos da mamoa e vala correspondente à câmara e corredor fruto da escavação e outras violações. O monumento situa-se a cerca de três quilómetros para nascente do santuário.



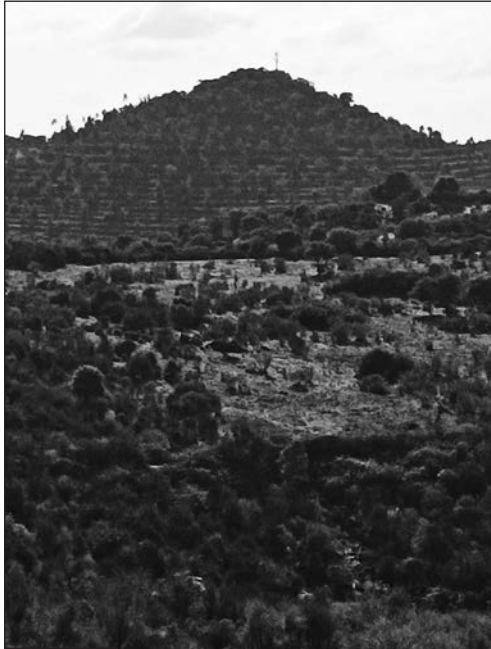
[Fig.05]
Anta dos Ferreirinhos.

[02] Código Nacional de Sítio, no Portal do Arqueólogo.
<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>.

[03] VASCONCELOS, 1895, p. 346.



[Fig.06]
Placas-ídolo da anta dos
Ferreirinhos.



CNS 10613 / MONTE DO TRIGO

O povoado situa-se numa elevação de forma cónica que sobressai na paisagem. Na parte superior existe uma pequena plataforma de formato oval com vários afloramentos de quartzo / quartzito. Foi este local ocupado no 3º milénio a. C., sendo posteriormente de novo ocupado nos finais do 2º milénio a. C., fase que se relacionou com estrutura pétreo amuralhada, em ruínas. O espólio é muito abundante, sobretudo o da segunda fase de ocupação.⁰⁴ Estação arqueológica foi foco de várias campanhas de escavações, sob o comando de Raquel Vilaça.⁰⁵ Situa-se a cerca de três quilómetros para norte do santuário.

[Fig.07]

Povoado do Monte Trigo visto da zona da Barragem Marechal Carmona.

[Fig.08]

O "Castelo" visto do recinto do santuário.

[04] Traduzido e adaptado de VILAÇA, 2023, p. 25.

[05] Ver bibliografia.

CNS 26529

Pequeno povoado no cimo de um monte, a que chamam Cabeça Alta, situado entre o rio Ponsul e a ribeira de Alcafozes e cerca de três quilómetros para noroeste do santuário. Foram detetados diverso material cerâmico que na forma e decoração é típico do Bronze Final. Também apareceram alguns moinhos de vaivém em granito. Não consta do mapa por estar inserido noutra carta militar, que não possuímos.

CNS 13396

Dentro da área descrita mais à frente com o CNS 13394, relata-se a existência de uma sepultura escavada na rocha, que não pude confirmar por a zona estar vedada.

CNS 13397

Sepultura escavada na rocha, que não conseguimos identificar, situado a norte do caminho rural que segue para Alcafozes a meia distância da ermida e do arraial da Senhora do Almortão.

CNS 13393

Área com vestígios romanos entre a ribeira de Alcafozes e o arraial da Pessegueira, a cerca de quatrocentos metros da ermida, para norte.

CNS POR ATRIBUIR

Barragem de aterro na herdade do Vale Cardoso, implantada sobre a ribeira de Alcafozes, atribuível à época romana. É a primeira vez que é referida. Está a cerca de três quilómetros para nordeste da ermida.

CNS 13394

Pequena área com vestígios de superfície datáveis da época romano/medieval, localizada a cerca de trezentos metros para noroeste da ermida e nas vizinhanças do antigo depósito de água entre as estradas que dão acesso às estradas nacionais 353 e 354.

CNS 13387

Outra pequena área de vestígios cerâmicos de superfície atribuíveis ao período romano/medieval para sul do Arraial de Nossa Senhora do Almortão e a cerca de seiscentos metros da ermida.

CNS POR ATRIBUIR

Elevação situada mesmo em frente do recinto do santuário. Possivelmente até seria o local da primeira ermida. Há alguns anos ainda se viam no local silhares de granito e cerâmica grosseira, que foram desaparecendo ao longo dos tempos pelas várias nivelações do cimo do monte, para montarem o fogo de artifício da romaria e mais recentemente para implantação de duas figuras alegóricas de elevadas proporções. Ao local se chama, o "castelo", topónimo bem sugestivo.

CNS POR ATRIBUIR

Zona a que iremos apelidar de "Termas". Não vamos conseguir dar uma descrição completa devido ao enorme volume de arbustos, silvas e ervas de grande porte que cobrem a totalidade do espaço. As poucas fotos que mostro já foram feitas há cerca de 10 anos.

A partir de uma ou duas fontes, as descrições são contraditórias, a água é canalizada para um poço de onde parte por canalização em granito, com alguns pequenos tanques de decantação, até um tanque ao pé da casa de banho esta casa é mais recente que o resto das estruturas, a fazer fé em inscrição por cima da porta que data o local de 1927 (NS 1927). Possui no seu interior três banheiras, espaço para a caldeira de aquecimento e uma sala de repouso e de espera. Há outra descrição que apenas fala de duas banheiras feitas em xisto. Pelo exposto anteriormente, não foi possível verificar, pois as silvas já superam em altura o edifício. A água do tanque vai também para um chafariz, que numa das pedras ao lado possui a data gravada de 1590 em numerais árabes, colocados em época moderna para dar antiguidade ao conjunto. Do chafariz o líquido vai por canal até um grande tanque de granito com cerca de 11 x 2,20 x 0,50 metros, onde se banhariam os peregrinos antes da construção da casa para o efeito, mesmo ao lado. Seria de louvar a limpeza e musealização deste espaço.

CNS POR ATRIBUIR

Fonte de chafurdo protegida por forte guarida, construída por silhares de granito, tendo na verga da abertura uma singela inscrição em duas linhas que diz: NSA / 1904, ou seja, Nossa Senhora do Almortão e uma data, possivelmente da construção. A água que sobra corre por caleiro em granito para barroca. A necessitar de limpeza.



[Fig.09]
Alguns aspetos da zona
das termas.



[Fig.10]
Fontes.

CNS POR ATRIBUIR

Fonte de chafurdo protegida por guarida de duas janelas. Tem terreiro á frente, onde está um caleiro para desviar as águas em excesso, sendo ladeado por dois muros com assentos laterais. A construção é bem mais recente que a fonte anterior. Também necessitada de limpeza e conservação.

EPIGRAFIA ROMANA

Placa funerária romana, em mármore, de enorme beleza, encontrada por volta de 1958 nas imediações do santuário de Nossa Senhora do Almortão. Algo fragmentada no seu lado direito, contem a seguinte mensagem: C(aius) . ALLONIV[S] / SEVERINVS . NOR[BA] / NAE . SILAE . VXOR[I] / OPTVMAE / 5 F(aciendum) C(uravit). Em português: Gaio Alónio Severino mandou fazer para a Norbana Sila, óptima esposa.⁰⁶ Encontra-se em Lisboa à guarda de Francisco Aragão.

Ara em granito dedicada à divindade Igaedus, encontrada nas traseiras da ermida nos inícios dos anos 50 de século passado. Tem a seguinte inscrição: IGAEDO / CAETRO / NIA / VITALIS (filia) / V(otum) . L(ibens) . A(mimo) . P(osuit). Em português: Caetronia filha de Vitalis, colocou o voto de boa vontade a Igaedo. Encontra-se em Alcains em posse da família Trigueiros de Aragão.

Seria de todo o interesse a aquisição destas duas inscrições por parte da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova ou da Confraria, dado o grande valor histórico e religioso destas peças para o território egitanense. Assim como se torna cada dia mais premente a criação, possivelmente no Centro Cultural Raiano, de uma área de exposição, área de reservas e de investigação relacionada com a Senhora do Almortão.

Espero que meus apelos não “caiam em saco roto”.



[Fig.11]
Ara a Igaedo.

[Fig.12]
Inscrição funerária.

[06] ENCARNAÇÃO, 2013,
inscrição 463.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga** (1956) – Placas de xisto antropomorfas do Museu lapidário igeditano (Idanha-a-Velha). *Revista de Guimarães*, nº 66. Guimarães, p. 103-108.
- ALMEIDA, Fernando de** (1964) – Igaedus, divindade lusitana e a Senhora do Almortão. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 3ª série, nº 8. Lisboa, p. 65-73.
- CATANA, António Silveira** (2005) – *A romaria da Senhora do Almortão: ontem e na viragem do milénio*. 3ª ed. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
- CATANA, António Silveira; LONGO, Paulo** (2014) – *A devoção à Senhora do Almortão*, 2ª ed. Idanha-a-Nova: Município de Idanha-a-Nova.
- CELESTINO, Joaquina Salgueiro da Silva** (2012) – *De Igaedo à Senhora do Almortão*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
- CORREIA, Virgílio** (1917) – Os ídolos-placas: arte pré-histórica. *Terra Portuguesa*, 3º vol., nº 13/14. Lisboa, p. 29-35.
- DIAS, Jaime Lopes** (1955) – *Etnografia da Beira*, vol. 3. 2ª ed. Lisboa: Ferin.
- ENCARNAÇÃO, José d’; LOSADA, Raul** (2013) – Placa funerária da Civitas Igaeditanorum (Conventus Emeritensis). *Ficheiro Epigráfico*, nº 104, inscrição 463.
- FERREIRA, Daniela Filipa de Freitas** (2012) – *Memória coletiva e formas representativas do (espaço) religioso: o contributo da epigrafia votiva para o entendimento das manifestações religiosas no contexto da ocupação romana da Beira Interior*. Porto: Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património (Dissertação de mestrado).
- FERREIRA, Daniela Filipa de Freitas** (2022) – *Os deuses foram honrados: o contributo da epigrafia votiva para o entendimento das manifestações religiosas no contexto da ocupação romana da Beira Interior portuguesa*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FORTES, Mário Luís Soares** (2008) – *A gestão da água na paisagem romana do ocidente peninsular*. Santiago de Compostela, Faculdade de Xeografia e Historia (Dissertação de doutoramento).
- SANTA MARIA, Agostinho de** (1711) – *Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, que se venerão em os Bispados da Guarda, Lamego, Leiria & Portalegre, sufragâneos do Arcebispado de Lisboa, Priorado do Crato, & Prelazia de Thomar*, tomo 3. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram.
- SILVA, Joaquim Candeias da** (2005) – Ermidas e romarias antigas da Beira Baixa (II); Nª Sra do Almortão (Idanha-a-Nova). *Estudos de Castelo Branco*, nova série, nº 4. Castelo Branco, p. 117-140.
- SILVA, Ricardo Costeira da** (2005) – *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a. C. na Beira interior*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras (Dissertação de mestrado).
- VASCONCELOS, José Leite de** (1895) – Acquisições do Museu Ethnographico Português. *O Archeólogo Português*, vol. 1. Lisboa, p. 218-222.
- VASCONCELOS, José Leite de** (1897) – *Religiões da Lusitania parte que principalmente se refere a Portugal*, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VAZÃO, Isabel Cecília Bicho; VAZÃO, Diamantino Pastilha; LOURENÇO, Adelino Américo** (1999) – *Idanha-a-Nova e seus encantos*. Idanha-a-Nova: Fábrica da Igreja Paroquial de Idanha-a-Nova.
- VILAÇA, Raquel** (1998) – Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a. C. Colóquio “A Pré-história na Beira Interior”: livro do Colóquio. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, p. 347-374.
- VILAÇA, Raquel** (2006) – Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: novos contributos e reavaliação dos dados. *Complutum*, vol. 17. Madrid, p. 81-101.
- VILAÇA, Raquel** (2008-2009) – Sobre tranchets do Bronze Final do ocidente peninsular. *Portugália*, nova série, vol. 29-30. Porto, p. 61-84.
- VILAÇA, Raquel** (2011) – Ponderais do Bronze Final-Ferro Inicial do ocidente peninsular. Novos dados e questões em aberto. *Barter, Money and Coinage in the Ancient Mediterranean*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia, p. 139-167.
- VILAÇA, Raquel** (2003) – Acerca da existência de ponderais em contextos do Bronze Final / Ferro Inicial no território português. *O Archeólogo Português*, 4ª série, vol. 21. Lisboa, p. 245-288.
- VILAÇA, Raquel; CRISTÓVÃO, Elisabete** (1993) – Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-históricos*, vol. 1. Viseu, p. 201-207.
- VILAÇA, Raquel; GIL, Francisco** (2023) – El color del Mediterráneo en el centro-interior del territorio portugués: los primeros artefactos de vidrio y de faianca. *Conexiones Culturales y Patrimonio Prehistórico*. Oxford: Archeopress, p. 21-38.